

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS SÃO LUIS DE MONTES BELOS
CURSO DE PEDAGOGIA

ROSANIA NASCIMENTO MARQUEZ
SANDRA REGINA LUCAS

APRENDIZAGEM E A FUNÇÃO DA AVALIAÇÃO

SÃO LUIS DE MONTES BELOS
2022

ROSANIA NASCIMENTO MARQUEZ
SANDRA REGINA LUCAS

APRENDIZAGEM E A FUNÇÃO DA AVALIAÇÃO

Monografia apresentada à coordenação de curso da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus de São Luís de Montes Belos, como requisito para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Karla Vitoriano S. Almeida

SÃO LUIS DE MONTES BELOS
2023

Sandra Regina Lucas
Rosânia Marcelino do Nascimento Marquez

Aprendizagem e a função da avaliação

Trabalho de conclusão de curso defendido em 07 de Fevereiro de 2023 e
aprovado pela banca examinadora constituída pelos membros



Profª. Ms. Karla Vitoriano e Silva Almeida
Orientador(a) - UEG



Profª. Drª. Andrea Kochhann Machado
Membro - UEG



Profª. Esp. Selma Eliana Silva Freire
Membro - UEG

Aos nossos familiares e amigos que sempre nos apoiaram ao longo dessa trajetória acadêmica.

DEDICAMOS

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por nos conceber a vida e pela oportunidade de poder alcançar mais um patamar.

Aos nossos familiares pelo apoio.

À nossa orientadora Prof. Karla Vitoriano S. Almeida que contribuiu para ampliar os nossos conhecimentos.

Eu tentei 99 vezes e falhei, mas na centésima tentativa eu consegui, nunca desista de seus objetivos mesmo que esses pareçam impossíveis, a próxima tentativa pode ser a vitoriosa.

Albert Einstein

RESUMO

A avaliação no processo de ensino-aprendizagem pode tanto gerar um avanço no desenvolvimento do indivíduo, como pode também desestimular o sujeito, levando em consideração a eficácia ou não da forma como é aplicada. A avaliação oferece informações sobre os estudantes, facilitando no processo de ensino/aprendizagem, por mostrar ao professor, seus desenvolvimentos em determinado período. Diante disso, este trabalho visa discorrer sobre a contextualização das metodologias avaliativas e suas influências no contexto atual. Além de apresentar as novas barreiras em relação a pandemia (Covid-19), tendo a tecnologia como apoio para a prática educativa, no qual todas as escolas brasileiras tiveram que se adaptar ao ensino remoto, por conta do isolamento social, fazendo-se com que alunos e professores aprimorem cada vez mais a maneira de ensinar e aprender. A metodologia utilizada foi com base na pesquisa bibliográfica, buscando reunir algumas abordagens significativas e refletir sobre autores contribuintes com o tema.

PALAVRAS-CHAVE: aprendizagem; avaliação; pandemia (Covid-19).

ABSTRACT

The evaluation in the teaching-learning process can both generate an advance in the individual's development, and can also discourage the subject, taking into account the effectiveness or otherwise of the way it is applied. The evaluation offers information about the students, facilitating the teaching/learning process, by showing the teacher their developments in a given period. Therefore, this work aims to discuss the contextualization of evaluative methodologies and their influences in the current context. In addition to presenting the new barriers in relation to the pandemic (Covid-19), with technology as a support for educational practice, in which all Brazilian schools had to adapt to remote teaching, due to social isolation, doing so with that students and teachers increasingly improve the way of teaching and learning. The methodology used was based on bibliographical research, seeking to gather some significant approaches and reflect on contributing authors with the theme.

KEY WORDS: learning; assessment; pandemic (Covid-19).

LISTA DE TABELAS

Tabela1: Hierarquia das Necessidades de Maslow	22
---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM.....	13
1.1 Educação: histórico da aprendizagem e educação escolar e seus desafios tecnológicos.....	13
1.2 Avaliação da aprendizagem e aspectos legais.....	17
1.3 Mediação no Processo Ensino e Aprendizagem.....	18
CAPÍTULO II – MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM – CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES.....	22
2.1 Teorias Sobre a Motivação e Aprendizagem.....	22
2.2 Motivação para Aprendizagem.....	25
2.3- Relação professor-aluno.....	28
2.4 A importância dos pais no processo ensino/aprendizagem.....	30
CAPÍTULO III – AVALIAÇÃO.....	32
3.1 Avaliação com bases em leis.....	32
3.2 Avaliação Escolar.....	34
CAPÍTULO IV- A EDUCAÇÃO E A PANDEMIA (COVID-19).....	40
4.1- O processo de ensino e aprendizagem.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico de natureza qualitativa apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus São Luís de Montes Belos compreende os estudos e análises acerca da Aprendizagem e a função da avaliação. A escolha deste tema de estudo busca apresentar informações sobre distância entre aprendizagem ideal e real e a função da avaliação e também apresentar novos desafios que a pandemia (covid-19) trouxe para a sociedade educacional.

Esse estudo reflete sobre como “Aprendizagem e a função da avaliação” e sua evolução histórica, e como vem sendo utilizada de forma contínua e processual, como um dos aspectos complementares do processo de ensino e aprendizagem e a possível distância entre a aprendizagem ideal e a real, com os novos desafios do uso da tecnologia de mídia utilizada pelo professor (a) como ferramenta pedagógica, além de discutir a importância do papel do mediador nas atividades de ensino para trabalhar um conteúdo durante as aulas, contribuindo para melhorar o processo de ensino e a aprendizagem.

Ao se falar em avaliação sua amplitude nos leva a refletir sobre as formas existentes de avaliação, qual o caminho mais indicado para compreensão da mesma e como ela pode afetar na vida escolar dos alunos e promover reflexos na prática do professor, pois a avaliação não irá acontecer em um só momento, ela acontece o tempo todo como ressalta Quintana (2003, p.163) “Temos que ver a avaliação como um aspecto integral do processo de ensino e aprendizagem e como parte essencial das tarefas que o docente executa em aula”.

Libâneo (1994) traz que por meio do ensino pode se compreender o ato de aprender que é o ato no qual assimilamos mentalmente os fatos e as relações da natureza e da sociedade. Esse processo de assimilação de conhecimentos é resultado da reflexão proporcionada pela percepção prático-sensorial e pelas ações mentais que caracterizam o pensamento. Entendida como fundamental no processo de ensino a assimilação ativa desenvolve no indivíduo a capacidade de lógica e raciocínio, facilitando o processo de aprendizagem do aluno.

O presente trabalho tem a intenção de apresentar a realidade educativa, com a prática de avaliação utilizada pelos professores, e compreender a necessidade de

planejar e conhecer sobre a avaliação e suas categorias, levando a eficácia no ensino-aprendizagem e também apresentar algumas dificuldades encontradas durante a pandemia.

Em busca de respostas ao problema, desenvolveram-se estudos divididos em três capítulos: I, intitulado um breve histórico da educação, aprendizagem; II intitulado motivação e aprendizagem – concepções dos professores; III intitulado avaliação; IV intitulado a educação e a pandemia (covid-19), seguidas das considerações das autoras.

CAPÍTULO I - UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO, APRENDIZAGEM.

1.1 Educação: histórico da aprendizagem e educação escolar e seus desafios tecnológicos.

Educar vem se tornando um processo cada vez mais complexo, a sociedade encontra-se em um processo de rápida e constante evolução e esse processo se tornou fundamental para o desenvolvimento dos grupos sociais e conseqüentemente de suas respectivas sociedades, razão pela qual o conhecimento de sua história e experiências passadas é essencial para a compreensão dos rumos tomados pela educação atual.

Nesse meio tempo tem-se avançado na descoberta de novas formas de ensinar e de aprender. Brandão (2003) descreve que a educação está presente em nosso cotidiano seja em casa, na igreja e na escola. Em nosso mundo diário, todos de uma maneira ou outra aprendem, ensinam ou até mesmo aprendem a ensinar. Na vida cotidiana, a criança começa a aprender em casa como os mais velhos; de acordo com este autor "a educação doméstica busca a formação da consciência moral" (BRANDÃO, 2003 p.10).

A educação sempre esteve ligada às práticas do cotidiano, entre elas a religião. Dessa forma, desde o Renascimento, movimento que surgiu na Itália no século XIV, e difundiu-se por toda Europa nos séculos XV e XVI, importantes conceitos elaborados pelo pensamento medieval vêm sendo confrontados, dando privilégio à matemática e às ciências da natureza. De certa forma o Renascimento marcou a transição da educação medieval para uma "nova" educação, a partir da separação de crianças e adultos. Este processo de pedagogização¹ dos saberes, principalmente pela participação dos jesuítas, acarretou a "natureza moralizada e moralizante: subordinação aos mestres detentores do poder, saberes verdadeiros em consonância com a igreja Católica e a penalização e moralização dos estudantes" (VARELA *apud* SILVA, 1994, p. 88).

¹Ato no qual se exerce a pedagogia, utilizando técnicas, procedimentos e estratégias da educação.

Conforme Brandão (2003):

[...] a educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos, (BRANDÃO, 2003, p. 4).

Brandão (2003) traz que a educação é uma prática social assim como a saúde pública e a comunicação social, tendo como finalidade o desenvolvimento cognitivo de cada pessoa, entre os tipos de saber existentes em uma cultura, formando sujeitos de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade em um momento da história de seu próprio desenvolvimento.

Morin (2003) aponta que a educação do futuro deve enfrentar o problema de uma dupla face do erro e da ilusão, onde um dos maiores erros seria subestimar o problema do erro, a maior ilusão seria ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem em absoluto como tais. Indica ainda que o erro e a ilusão parasitam a mente humana desde o aparecimento do *Homo sapiens*, pois os homens sempre elaboraram falsas concepções de si próprios, do que fazem e do que devem fazer no mundo onde vivem.

Neste propósito devem-se formar alunos que tenham capacidade de inovar, criar e recriar os seus conhecimentos e que eles possam aproveitá-lo no decorrer de sua vida profissional. Como cita Freire (1975), a educação visa não apenas inserir o homem no mundo, mas com o mundo, de uma forma crítica e autônoma. Esse homem deve ser capaz de participar do mundo que, cada vez mais, se compõe de ambientes informatizados. Essas ferramentas computacionais podem contribuir de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem e na construção do conhecimento.

A educação busca identificar a origem dos erros, ilusões e cegueiras, pois o conhecimento científico não pode tratar sozinho dos problemas epistemológicos, filosóficos e éticos. Morin discute que:

[...] o conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanentes. Onde devemos compreender que existem condições bioantropológicas, condições socioculturais e condições noológicas que permitem verdadeiras|| interrogações, isto é, interrogações

fundamentais sobre o mundo, sobre o homem e sobre o próprio conhecimento. (MORIN, 2003, p.31).

A educação sempre esteve a serviço da sociedade, portanto, sempre acompanhou seu desenvolvimento histórico social, o sociólogo Émile Durkheim (1858-1917) expressa em 1873 uma doutrina pedagógica que se apoia na concepção do homem e sociedade "Todo o passado da humanidade contribuiu para fazer o conjunto de máximas que dirigem os diferentes modelos de educação, cada uma com as características que lhe são próprias" (Durkheim, 1873, p.166). Por meio dessa concepção de Durkheim podemos refletir que a construção do ser social é feita em boa parte pela educação, e representa a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios, sejam elas: morais, religiosos, éticos ou de comportamento.

Atualmente a educação clama por mudanças estruturais frente às novas tecnologias, que representam um desafio cada vez maior para o educador, pois a cada dia a Internet, as redes sociais, o celular e as múltiplas mídias estão revolucionando o cotidiano do educador. Hoje as tecnologias se tornaram um apoio, sendo meios que permitem realizar atividades de aprendizagem de formas inovadoras. Tornando possível a aprendizagem de um conjunto de pessoas em lugares distantes, sem a necessidade de reunir indivíduos numa sala para que isso aconteça. Vieira destaca que as tecnologias:

[...] são os meios, os apoios, as ferramentas que utilizamos para que os alunos aprendam. A forma como os organizamos em grupos, em salas, em outros espaços isso também é tecnologia. O giz que escreve na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com o outro isso também é tecnologia. O livro, a revista e o jornal são tecnologias fundamentais para a gestão e para a aprendizagem e ainda não sabemos utilizá-las adequadamente. O gravador, o retroprojetor, a televisão, o vídeo também são tecnologias importantes e também muito mal utilizadas, em geral. (VIEIRA, 2003, p. 151)

O professor nos dias atuais teve que se adequar levando em consideração todo o arsenal tecnológico que tem em mãos, tornando necessária sua motivação e preocupação em organizar e executar suas atividades para se contribuir na efetivação da aprendizagem; a escola, por sua vez, deve, como instituição, se renovar não apenas modernizando seus laboratórios, mas dando condições reais para que o professor realize um trabalho dinâmico, inovador, instigador, utilizando a

tecnologia que ela disponibiliza aos seus alunos. Com base nessa necessidade, Moran destaca:

O que deve ter uma sala de aula para uma educação de qualidade? Precisa fundamentalmente de professores bem preparados, motivados e bem remunerados e com formação pedagógica atualizada. Isto é incontestável. (MORAN, 2004, p.15).

Para esse autor:

o professor agora tem que se preocupar, não só com o aluno em sala de aula, mas em organizar as pesquisas na internet, no acompanhamento das práticas no laboratório, dos projetos que serão ou estão sendo realizados e das experiências que ligam o aluno à realidade. (MORAN, 2004, p. 15).

Esse novo desafio implica em ampliar a capacidade de propor novas atividades de aprendizagem utilizando-se das tecnologias modernas, propondo aos alunos novos desafios, de reconstrução de conhecimentos já existentes e incentivando-os para construção de novos saberes. Vygotsky (1989) pondera que uma criança que é capaz de trabalhar em cooperação hoje, será capaz de trabalhar sozinha amanhã. Visto que o único tipo positivo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia. O aprendizado deve ser orientado para o futuro, e não para o passado.

Já Valente (2005) analisa que a adequação do professor a essa nova modalidade de ensino é fundamental para que a educação dê o salto de qualidade e deixe de ser baseada na transmissão de informações, para incorporar também aspectos de construção do conhecimento do aluno, usando para isso as tecnologias digitais que estão cada vez mais presentes no cotidiano desses alunos.

As ferramentas tecnológicas educativas requerem uma utilização consciente do professor e do aluno, para que este recurso seja utilizado de forma adequada e planejada.

Diante disso é necessário aos ambientes educacionais instaurar espaços de negociação entre educadores e educandos, possibilitando uma troca de posições e visões de mundo que permitam uma aproximação entre essas duas culturas num mundo de aprendizagem e cultura digital.

A escola, para fazer cumprir sua responsabilidade social de educar e formar os novos cidadãos precisa contar com professores que estejam dispostos a captar, a entender e a utilizar as novas linguagens dos meios de

informações e comunicação a serviço de sua prática pedagógica que deve ser compreendida como uma forma específica de práxis, portanto, prática social que envolve a teoria e também a prática, própria da prática educativa. (SOUSA *et al*, 2011, p. 26).

Assim, entende-se que a sala de aula não é o único lugar onde ocorre a aprendizagem e que a educação pode propiciar, através de vários meios, a formação de vários ambientes de aprendizagem, e que pode causar uma maior participação do aluno nas relações de ensino.

Para Silva (2000), a pedagogia interativa é uma proposta que valoriza o papel do professor como mediador de novas interações que os alunos constroem, formando uma rede recorrente de conhecimentos que, por sua vez, desenvolvem novas competências comunicativas.

1.2 Avaliação da aprendizagem e aspectos legais

Através das pesquisas realizadas pode-se retratar que a avaliação da aprendizagem como um meio que o professor dispõe de obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades do aluno obtidos, abrangendo um procedimento permanente, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem, no sentido de contribuir para o planejamento de ações que possibilitem ajudar o aluno a prosseguir, com êxito, no seu processo educacional. De acordo com Hoffmann 2004:

O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, por que não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a progredir sempre (HOFFMANN, 2004, p. 47).

O processo aprendizagem pode ser compreendido por meio de diferentes perspectivas, mas independentemente da prioridade que dão a determinados fatores, um ponto comum presente nas teorias da aprendizagem é a correlação entre as representações e condições internas do sujeito e as situações externas a ele.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em vigor desde 20 de dezembro de 1996, Lei nº 9.394, dispõe em seu art. 24, inciso V, ao se referir à verificação do rendimento escolar, determina que os docentes observem os critérios de avaliação de forma contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com

prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Ao tratar do assunto, contempla a aceleração de estudos, a possibilidade de avanço na trajetória escolar e estudos de recuperação, nos seguintes termos: LDB Lei nº 9.394, art. 24, inciso V:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:
 a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
 b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
 c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
 d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
 e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.
 (BRASIL,1996,p.9)

Para Luckesi (1998), a maioria das escolas com o ensino regular infelizmente utiliza a avaliação como instrumento de classificação, como produto final e não um processo de aprendizagem, medindo a capacidade e mostrando se o aluno realmente aprendeu ou não o conteúdo proposto pelo professor por meio de uma nota; de qualquer forma, impossibilita o aluno de progredir ou desenvolver-se.

Tendo em vista a ação do sujeito sobre o meio e a maneira como cada pessoa organiza, aprende e interioriza as informações de uma dada realidade, podendo-se colocar que a aprendizagem se resulta em uma transformação que tem por base as experiências do sujeito no mundo a partir das interações por ele estabelecidas. Portanto, conceitualmente a aprendizagem pode ser definida como o processo de aquisição de informações, conhecimentos, habilidades, valores e atitudes possibilitados por meio do estudo, do ensino ou da experiência.

1.3 Mediação no Processo Ensino e Aprendizagem

Por muito tempo a avaliação figurou apenas como ato de ensinar e aprender, assim, a avaliação, embora considerada instrumento definidor do fracasso e do êxito escolar, era encarada como mera coadjuvante do processo de construção do conhecimento. A avaliação é um dos elementos básicos entre outros de desempenho escolar e aprendizagem, uma parte de toda didática envolvida no dia a dia escolar. Mas o que realmente seria avaliação de aprendizagem?

De acordo com Luckesi (2005), com base no contraponto entre o que caracteriza a avaliação da aprendizagem e a observação das experiências vividas nas nossas escolas, considera que, em vez de avaliação, o que se pratica nas escolas são os exames, uma vez que as dificuldades apresentadas pelos alunos não são diagnosticadas para subsidiar uma intervenção adequada, mas são classificadas, tendo em vista a aprovação ou a reprovação. Para o autor, "a prática do exame, devido a operar com os recursos de aprovação/reprovação, obrigatoriamente conduz à política da reprovação, que tem se manifestado como o mais consistente álibi para o fracasso escolar" (LUCKESI, 2005, p. 19).

Pois em avaliação não se julga nem se classifica, mas, sim, se diagnostica e se intervém em favor da melhoria dos resultados do desempenho dos educandos. Segundo Garcia:

O termo avaliação é de utilização recente, já que a palavra "exame" era mais frequentemente utilizada para designar provas de conhecimento. Datam aos remotos 1200 a.C. as primeiras práticas de avaliação/exame de que temos notícia. Esses exames eram realizados pela burocracia chinesa com intuito de selecionar (somente junto aos homens) aqueles que deveriam ocupar cargos públicos. Desde seus primórdios, portanto, verificamos na avaliação a predominância de um componente seletivo em detrimento a qualquer aspecto educativo. Garcia (2003 *Apud* DILIGENTI, 1998, p. 21).

Tempos atrás se utilizava nas escolas a palavra exame, onde os alunos eram submetidos a provas e por meio dela os professores calculavam o conhecimento de cada um, esse termo avaliação é um sinônimo que foi adotado para efetivar a mesma coisa, observar o conhecimento que o aluno obteve ao longo dos dias letivos.

Assim sendo em qualquer nível de ensino a avaliação existe, e está vinculada a natureza do conhecimento e é amparada por lei, tendo que existir. Num caráter científico se tornou um modelo de sociedade, as avaliações pautadas em perguntas e respostas seguidas de uma nota que promoverá ou não o aluno para o ano seguinte. Freire (1992) destaca:

O ato de estudar, de ensinar, de aprender, de conhecer é difícil, sobretudo exigente, mas prazeroso (...). É preciso, pois que os educandos descubram e sintam alegria nele embutida, que dele faz parte e que está sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem. (FREIRE, 1992, p.83)

Luckesi (2001) ao se referir às funções da avaliação o autor ressalta que existe um alerta para a importância de estarmos atentos à sua função ontológica,

que é a de diagnosticar. Ela representa a base para uma coerente tomada de decisão, visto que se trata do meio de encaminhar os atos subsequentes, na perspectiva de uma situação positiva em relação aos resultados almejados. Para Esteban (2001) diz que a avaliação como prática de investigação pode ser uma alternativa às propostas excludentes por buscar uma ação coerente com a concepção de conhecimento como processo dinâmico, dialógico, fronteiro, constituídos nos marcos das múltiplas tensões sociais.

Além de diagnosticar, a avaliação tem como intuito propiciar a auto compreensão do nível e das condições em que se encontram tanto o educando quanto o educador. Esse reconhecimento do limite e da amplitude de onde se está possibilita positivamente ou não uma motivação e conseqüentemente uma contribuição e mediação para o aprofundamento da aprendizagem.

Pode se colocar que o sentido do termo mediação é intervenção, intercessão, intermediação. Explicando esse significado, Mello (1985) diz que:

Mediação refere-se ao que está ou acontece no meio, ou entre duas ou mais coisas separadas no tempo e/ou no espaço (...) o movimento se realiza por mediações que fazem a passagem de um nível a outro, de uma coisa à outra, de uma parte a outra, dentro daquela realidade (MELLO, 1985, p. 24-25).

Luckesi (1995) traz que a avaliação da aprendizagem pode ser definida como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, se torna um ato acolhedor, interativo, inclusivo, ou seja, a ação avaliativa, enquanto mediação se faria presente, justamente, no interstício entre uma etapa possível de produção pelo aluno e de um saber enriquecido, de um saber complementado.

A avaliação, todavia, não está no fim, como resultado da aprendizagem, selecionando os mais aptos, mais sim, o que o sujeito aprende se forma e constrói, pois a avaliação está no interior do ato educativo, assim podendo garantir que o processo de aprender se efetive, é esse processo que torna o aluno sujeito no "processo" de si mesmo. Portanto se faz necessário entender a avaliação como uma possibilidade de vir a ser ou fazer um outro de si mesmo, tornando a construção de cada um e do coletivo como diferentes, saudáveis, alegres, cidadãos.

Podemos assim dizer que conduzir a avaliação nesse contexto implica na reflexão crítica sobre a prática, no sentido de diagnosticar seus avanços e dificuldades possibilitando uma tomada de decisões sobre as "iniciativas cabíveis.

Portanto, avaliar não é apenas constatar, mas, sobretudo analisar interpretar, tomar decisões e reorganizar o ensino" (SILVA, 2002, p.42).

Dessa forma seria necessário que o professor compreenda a necessidade de um acompanhamento próximo de seus alunos, visualizando suas necessidades individuais e tornar com que isto se transforme em novas habilidades para futuras atividades explicitadas por Hoffmann:

[...] o acompanhamento do processo de construção de conhecimento implica favorecer o desenvolvimento do aluno, orientá-lo nas tarefas, oferecer-lhe novas leituras ou explicações, sugerir-lhe investigações, proporcionar-lhe vivências enriquecedoras e favorecedoras à sua ampliação do saber. Não significa acompanhar todas as suas ações e tarefas para dizer que está ou não apto em determinada matéria. Significa, sim, responsabilizar-se pelo seu aprimoramento, pelo seu "ir além". De forma alguma é uma relação puramente afetiva ou emotiva; significa uma reflexão teórica sobre as possibilidades de abertura do aluno a novas condutas, de elaboração de esquemas de argumentação, contra argumentação, para o enfrentamento de novas tarefas. (HOFFMANN, 1994, p. 57,)

De acordo com RCNEI a função do professor é considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas. Detectar os conhecimentos prévios não é uma tarefa fácil. Implica que o professor estabeleça estratégias didáticas para fazê-lo. A observação acurada das crianças é um instrumento essencial neste processo.

Ao iniciar o Ensino Fundamental representa um ponto significativo, para as crianças quanto para as famílias. Sendo assim, a qualidade do trabalho realizado com as crianças, doravante matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental I, demandará ações planejadas e compartilhadas com toda a equipe escolar comprometida com as práticas educacionais a serem desenvolvidas, assim sendo capaz de atender positivamente às novas demandas que surgirão. Tendo em vista que a mediação entre as várias etapas de escolaridade favorece a integração dos alunos aos novos desafios.

CAPÍTULO II - MOTIVAÇÃO E APRENDIZAGEM – CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES

2.1- Teorias Sobre a Motivação e Aprendizagem

Para melhor compreensão sobre o termo de motivação e aprendizagem, iremos refletir sobre teorias das necessidades de Maslow, no qual teorias essas que se consideram as necessidades humanas são forças que oportuniza a motivação e essas necessidades se dividem em cinco níveis em que é apresentado em formato de pirâmide na figura a diante.

Para Maslow apud HERSEY e BLANCHARD, (1986) o comportamento é ditado por motivos diversos, resultantes de necessidades de caráter biológico, psicológico e social, hierarquizados como uma pirâmide (figura 1).

Figura 1 - Hierarquia das Necessidades de Maslow



Fonte: Moraes e Valera (2007, p.4) apud Harsey e Blancard (1986).

Para Moraes e Varela (2007) na pirâmide hierárquica as necessidades fisiológicas que se encontram como base. Para Maslow (1986) corresponde a indispensabilidade relacionada ao organismo, como o alimento, residência, vestimenta, água, excreção e etc., portanto são medidas que tendem a ser mais intensas, pois são necessidades básicas para a subsistência.

Sendo assim, o autor supracitado caracteriza que o modo em que uma necessidade é realizada ela se supre direcionando para outra e assim sucessivamente, resultando em uma escala de ações voltada para a dominação do desempenho do indivíduo. Da mesma forma é para os outros níveis que se encontra na pirâmide.

Em outro ponto, Moraes e Varela (2007) expõe que é necessária a segurança para que o indivíduo possa realizar qualquer coisa no seu cotidiano, citando assim, por exemplo, o ato ir e vir, sem a privação de necessidades ou até mesmo da presença do medo. Com toda essa necessidade atendida, o indivíduo será capaz de interagir socialmente, para que possa participar de seu grupo social e executar o seu papel como cidadão, solicitando assim a sua estima.

A autora ainda engloba vários outros aspectos além dos que foram caracterizados até o momento, tais como sentimento de credibilidade e a necessidade de auto realização, entre outros, que tem a finalidade de mapear os desenvolvimentos para que o indivíduo tenha a capacidade de aprendizagem. Ressaltando assim que a pirâmide pode ser utilizada em diversas áreas, claro que sendo adaptadas, em algumas das situações não é necessário atingir completamente essas necessidades para que se possa elevar o nível de satisfação.

Por meio dessas considerações para o desenvolvimento da aprendizagem, fica evidente que se faz necessário estabelecer níveis para que os alunos alcancem e passem para outros com o grau de dificuldade mais elevado, o que contribuirá para o seu desenvolvimento significativo. Ressalvando esta temática os autores destacam que:

[...]a pirâmide tem como característica importante a visão de um indivíduo contemplado em seu todo, daí a importância de sua aplicabilidade na escola. Uma criança cujos sentimentos de segurança e senso de pertencer estão ameaçados por divórcio pode ter pouco interesse em aprender a dividir frações. (MORAES E VARELA, 2007 *apud* WOOLFOLK, 2000 p. 5).

Com esta visão, o desenvolvimento desse método pode auxiliar o professor nos mais diversos níveis de dificuldade de aprendizagem, em sua sala de aula querem seja ela ligada a inseguranças, ou até mesmo os problemas fora da escola, mas que influencia diretamente no aluno, entre as outras etapas existentes na pirâmide. Para tanto Bzuneck (2000), fala que toda pessoa dispõe de certos recursos pessoais, que são tempo, energia, talentos, conhecimento, habilidades, que poderão ser investidos numa certa atividade. Ou seja, a motivação é como um processo de conduta.

Entende-se que o professor quando dispõe a oferecer recursos que desperte o interesse do aluno em produzir suas atividades, ao conduzir a ação o discente adquire do mesmo requisito, pois o interesse prende a sua atenção, mas o seu

desempenho exige esforço de um motivo determinante, no qual se torna propício o estímulo da motivação e em consequência o seu aprendizado.

Quando se considera o contexto específico de sala de aula, as atividades do aluno, para cuja execução e persistência deve estar motivado, têm características peculiares que as diferenciam de outras atividades humanas igualmente dependentes de motivação, como esporte, lazer, brinquedo, ou trabalho profissional (BZUNECK, 2000, p. 10).

O professor em uma expectativa positiva sempre prepara suas atividades com o propósito de que o aluno tenha resultados positivos, mas nem sempre isso acontece. Porque muitas vezes esse aluno não tem uma visão de que essas atividades são essenciais para seu crescimento e desenvolvimento escolar visto que, a aprendizagem pode modificar sua existência futura.

Podendo se complementar que a aprendizagem se perpetua por meio da codificação-decodificação e problematização da situação, sendo capaz de elevar o nível crítico da sapiência da existência, isso ocorre por intermédio da transferência de experiência à volta da prática social. Sendo assim, o docente e o discente são por consequência indivíduos do processo. Trata-se da vivência de relação do homem com a natureza e com os outros, visando uma transformação da sociedade, tornando essas relações mais justas e solidárias.

A relação professor-aluno é ressignificada, ou seja, quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade pela qual, professores e alunos, mediatizados pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social. (LIBÂNEO, 1994, p. 64).

Em vista disso se torna primordial compreender que o aluno é determinante do processo pedagógico, levando em conta que é indispensável considerar que o professor seja capaz de se colocar na posição do aluno, pois ambos aprendem e constroem conhecimentos. Diante disso, o diálogo torna-se essencial entre o aluno e professor para obter sucesso no processo educativo, sobre circunstâncias dessas ações identificam-se problemas sociais presente no âmbito educativo e assim se adquirindo capacidade de buscar soluções para se proporcionar melhores condições educacionais para os envolvidos.

2.2- Motivação para Aprendizagem

A motivação é um dos fatores para que se tenha uma aprendizagem significativa. Assim, logo o conceito de motivação se refere a movimento, sendo caracterizada como uma força que orienta o indivíduo na realização de determinadas ações para o alcance de metas específicas (BATISTA, *et al* 2015). Dessa forma o conceito de motivação vem sendo discutido e estudado desde a revolução industrial onde o humano deixa de ser considerado uma "máquina". Desde então, existem várias definições para a palavra motivação. O significado etimológico da palavra motivação deriva de motivo extraído do latim *movere*, em que traduzindo para o português significa mover.

Já no campo da psicologia, a motivação é entendida como importante fator para compreensão do comportamento humano. Podendo-se entender que a função psíquica do indivíduo interfere diretamente no comportamento, uma vez que processos interindividuais (biológicos e psicológicos) atuam como forças internas que provocam na pessoa um movimento, ou seja, uma motivação para chegar aos objetivos e propósitos (BERGAMINI, 1990).

Como descreve Bergamini (1990), na aprendizagem, a motivação é causadora de energia positiva, entusiasmo, criatividade, empenho, satisfação, determinação e foco. Sendo assim um processo motivacional é único em cada indivíduo, levando em consideração que cada indivíduo possui fatores específicos que os motivam, como metas, objetivos, opiniões e vontades de cunho pessoal. Esse processo de motivação é contínuo, uma vez que não é possível a pessoa ser motivada em um único dia e isso se manter de forma imutável, por isso o ser humano deverá sempre buscar a motivação dia após dia a fim de alcançar os objetivos.

Neste sentido, Leal, Miranda e Carmo (2012) chamam atenção de duas bases motivacionais (intrínseca e extrínseca), sendo necessária a compreensão de ambas para um entendimento adequado do processo motivacional da aprendizagem dos estudantes. A dimensão intrínseca da motivação acontece de forma interna na qual o indivíduo busca por desafios de forma natural, sem a necessidade de pressões externas. Desse modo, a motivação intrínseca tem como resultado elementos como competência, autodeterminação, autonomia e satisfação frente a uma atividade ou conteúdo.

Dessa forma, o aluno intrinsecamente motivado está constantemente em busca de aprender e enfrentar desafios, o que favorece a capacidade de autonomia

e autoestima do indivíduo. O aprender, para quem está intrinsecamente motivado, se torna prazeroso e sem a necessidade de recompensas externas.

Em contraposição à dimensão intrínseca, a extrínseca está relacionada com regulações externas, a exemplo de recompensas, como postulado por Leal, Miranda e Carmo (2012). Neste caso, o estudante busca atender às pressões para demonstrar habilidades e competências.

Há quatro tipos principais de motivação extrínseca: regulação externa, regulação introjetada, regulação identificada e regulação integrada. No caso da regulação externa, as ações do aluno são motivadas para ter resultados positivos, a exemplo do aluno que estuda para ter boas notas, pois sabe que aparecerá no histórico, ou seja, estuda para ter prestígio e não para obter conhecimento. Já na motivação extrínseca por regulação introjetada, o indivíduo começa interiorizar a motivação na qual é o resultado dos comportamentos.

Nesse tipo de motivação, basicamente o indivíduo realiza determinadas tarefas para não possuir o sentimento de culpa, ou seja, é uma atividade imposta na qual a pessoa sente obrigação de resolver. No caso da motivação extrínseca por regulação identificada, o aluno realiza determinada tarefa, pois considera importantes as regulações externas percebidas. Por exemplo, o sujeito percebe que para conseguir a aprovação em uma faculdade é importante estudar e aprender determinado conteúdo.

Na regulação integrada, a pessoa interioriza o comportamento por meio das ações externas as incorporando internamente. Essa motivação é a mais autônoma entre as mencionadas, em que a pessoa internaliza a razão para assim obter atitudes para atingir determinado objetivo ou tarefa.

Torna-se importante frisar que o aluno pode passar da motivação intrínseca para extrínseca e por fim para a inexistência de motivação que é ocasionada por se sentir incapaz de realizar determinada tarefa. Todavia, para que se sucedam impactos positivos da motivação na aprendizagem, Souza (2010) apontou três fatores que influenciam a motivação e o desempenho dos estudantes, são eles: orientações motivacionais e metas de realização, crença de auto eficácia e valor de tarefa.

Tendo como base as orientações motivacionais, existem duas metas: a de aprender e a de performance. A meta de aprender tem como objetivo o conhecimento somente, ou seja, a aprendizagem significativa. Já a meta de

performance se refere a uma preocupação exclusiva de obtenção de notas altas, independente do conhecimento adquirido.

Sobre a auto eficácia, Souza (2010) a define como a crença de que se é capaz de conseguir realizar determinada tarefa. Dessa maneira, a auto eficácia é formada por quatro eixos: a experiência da conquista, experiência compensatória, persuasão social e estado fisiológico. Neste sentido, a auto eficácia impacta diretamente no resultado da persistência do aluno ao enfrentar problemas no processo de aprendizagem, uma vez que gostam de tarefas desafiadoras. A última fonte de motivação é o valor de tarefa, para Souza (2010), está relacionado com a determinação e a importância que os estudantes atribuem à determinada atividade, o aluno percebendo os valores das disciplinas é um recurso para motivá-lo a aprender determinado conteúdo ou dedicar-se a tarefa.

Porém, em oposição ao impacto positivo da motivação para a aprendizagem, Silva (2014) evidencia que a falta de motivação dos estudantes ocasiona em uma falta de disciplina, pois o indivíduo não motivado não busca adquirir novos conhecimentos e nem tem interesse, sendo assim, não motivado, o aluno se sente um fracasso por pensar desse modo e conclui que não é capaz de aprender, coincidindo em uma não disciplina em seus estudos e realização de tarefas por obrigação, até mesmo deixando de executá-las por falta de interesse. Desse modo, percebe-se que são várias as causas da desmotivação do aluno que tem como consequência a falta de interesse e da motivação intrínseca.

Dessa forma, Casari (2014) frisa que as experiências de fracasso escolar estão ligadas com a desmotivação, uma vez que o aluno desmotivado não tem motivo espontâneo para a realização de atividades, havendo uma falta de desafio ocasionada pela frustração. Esses alunos podem estudar muito pouco ou quase nada por não se sentirem motivados ou animados para aprender, uma vez que o resultado da desmotivação é o baixo desempenho escolar.

Embora ao compreendermos que a motivação pode contribuir com o fracasso escolar, não devemos restringir o fenômeno a uma explicação intraindividual.

Neste contexto, salienta Silva (2014), a respeito do papel do professor para motivar os alunos no processo de ensino aprendizagem, que é imprescindível que os professores saibam motivar os estudantes com aulas mais elaboradas que também tenham a prática e não somente a teoria, buscando sempre relacionar com

o cotidiano dos alunos para que assim os estudantes associem o conteúdo e a prática com a vida diária.

O professor deve ter estratégias, recursos para fazer com que os alunos queiram aprender, deve fornecer estímulos para que seus os alunos se sintam motivados a aprender. Para que esse aluno crie motivos e motivação a aprendizagem, nos quais os motivos possam conseqüentemente provocar o interesse para aquilo que vai ser aprendido.

É fundamental que o aluno queira dominar alguma competência. Para Silva (2014) o desejo da realização é a própria motivação, assim o professor deve fornecer sempre ao aluno o conhecimento de seus avanços, captando a atenção do aluno.

Ressalta Casari (2014) que o caminho do processo de ensino aprendizagem é construído pelo aluno com um papel veemente e participante. Diante disso, é evidente que a relação entre professor e aluno é muito importante para que aconteça o aprendizado. Pois uma boa relação entre aluno e professor, portanto, tem como consequência positiva a motivação do aluno para aprender determinado conteúdo, entretanto, quando acontece o contrário, em que nem aluno e nem o professor se simpatizam e têm atritos constantes, o aluno pode não conseguir se sentir motivado para a aprendizagem e por vezes acabar não realizando as atividades propostas pelo professor.

A motivação do aluno se torna crucial para o sucesso no processo de ensino aprendizagem, sendo que podemos constatar através de estudos que quando o indivíduo tem motivação busca sempre obter conhecimentos com o desejo de aprender.

2.3- Relação professor-aluno

A relação do professor com o aluno pode de modo significativo resultar na motivação e conseqüentemente no desempenho do ensino-aprendizagem que ele atua. Pois a relevância dessas relações desenvolve em sala de aula, e esse trabalho requer um esforço maior por parte do professor em adotar papéis e transpassar em sua atuação profissional oferecendo estrutura ao aprendizado dos alunos, orientando e ajudando no desenvolvimento de sua aprendizagem escolar. Para Raasch temos:

Até pouco tempo, a grande questão escolar era somente a aprendizagem de conteúdo, acreditávamos que conhecer era acumular conhecimentos. Atualmente, a questão está centrada em interpretar e selecionar informações na busca de soluções de problemas ou daquilo que temos vontade de aprender. O desafio para o educador é coordenar o ensino de conceitos e proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem. Neste contexto os educadores têm enfrentado o problema da ausência de motivação nos alunos para a aprendizagem. (RAASCH,2012, p.2).

Nesse sentido, é necessário que o profissional desenvolva sua função de uma prática pedagógica estabelecida mediante de metodologias que ofereçam o despertar motivacional dos alunos, ou seja, o interesse pelo o que está estudando, sendo capaz de tornarem agentes ativos e não um mero depósito de informações. Dessa forma, a interação instituída por meio do ensino-aprendizagem é caracterizada por distinção, preparo e sistematizado da didática, para que os conteúdos sejam facilitados de forma que possa atender o aprendizado dos discentes.

Com esse intuito, para Gomes (2006, p. 233), uma prática pedagógica precisa ter dinâmica própria, que lhe permita o exercício do pensamento reflexivo, conduza a uma visão política de cidadania e que seja capaz de integrar a arte, a cultura, os valores e a interação, propiciando, assim, a recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo, de forma significativa. Vejamos um cenário que se apresenta atualmente como espaço de construção do processo ensino-aprendizagem e que deve ser considerado para que este seja eficaz.

Para que o professor conquiste êxito com os seus alunos, ele precisa estimulá-los, a cultivar a aprendizagem com prazer, para esse fim é necessário oferecer um cenário ambiental e ou conteúdos adaptados favorecendo o despertar de interesse dos mesmos, a curiosidade de buscar por respostas pelo motivo daquela finalidade. Quando o aluno consegue assimilar o que está aprendendo espontaneamente ele demonstra satisfação, é essa a consequência que provém sobre a influência do desempenho que o professor provocou, partindo então da valorização do seu papel, beneficiando sua relação com os alunos em sala de aula.

Segundo Bariani e Pavani (2008), no processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno deve ser marcada pelo bi direcionalidade, ou seja, pela influência existente do professor sobre o aluno, assim como do aluno sobre o professor, portanto tendo efeitos recíprocos.

2.4 A importância dos pais no processo ensino/aprendizagem

A família é uma instituição social que se responsabiliza pela formação de valores, ética e moral do indivíduo, desde o nascimento até a idade adulta. Pois é da família que provém orientações essenciais para a construção da personalidade e desenvolvimento do sujeito. O papel da escola é dissipar conhecimentos científicos, acrescentar os valores éticos e morais e contribuir no processo de socialização do aluno. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) a criança:

[...] é profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também a marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais (BRASIL, 1998, p. 21).

Pode se dizer que tudo que as crianças observam no ambiente familiar, ela possivelmente levará automaticamente para outros ambientes. Se os pais semearem carinho, respeito e atenção serão refletidos na criança esses comportamentos. Mas, por outro lado se os pais demonstrarem serem agressivos e incompreensíveis, será refletido nos filhos e levarão para outro meio aquilo que aprendem em casa.

Partindo do pressuposto, percebe-se que na relação familiar a criança aprende aquilo que lhe transmitem isso não acontece de forma intencional, por parte dos pais, mas são essas relações que a criança desenvolverá seus comportamentos e sentimentos. De acordo com Caetano e Yageshi (2014, p. 108). É no meio familiar, portanto, que a criança aprende sobre as normas sociais, forma sua personalidade e seu caráter, e adquire valores que compreendem a sociedade na qual está inserida. Sendo assim, é de suma importância que a família saiba transmitir bons exemplos pra os seus filhos, já que isso influencia bastante no comportamento deles.

Para Lev Vygotsky (1896-1934), um psicólogo russo que contribuiu bastante para a educação, sua linha de pensamento explica que os indivíduos se desenvolvem por meio de fatores biológicos, sociais, culturais e históricos. Sendo parte do ciclo vital de todas as pessoas, desenvolvendo-se constantemente e de forma gradual por meio das interações sociais e absorvendo por meio delas, a linguagem e o conhecimento. Conforme Vygotsky, o comportamento do homem é formado por peculiaridades, condições biológicas e sociais do seu crescimento (2001, p. 63). Para ele, o sujeito adquire conhecimento através da interação com o meio, sendo capaz de desenvolver sua aprendizagem.

Pode se concluir que a aprendizagem não é um processo mecânico de repetições, mas sim de significados, visto que, se torna significativa e real quando passa ter sentido para o aluno. E esse sentido se torna essencial para seu desenvolvimento pessoal e acadêmico quando há uma boa participação e envolvimento da família. Como visto, para o estabelecimento da motivação na aprendizagem são necessários fatores internos e externos. Além das variáveis que foram mencionadas, a autoestima pode ter um importante impacto no processo motivacional.

CAPÍTULO III - AVALIAÇÃO

3.1 - Avaliação com bases em leis

É visto no artigo 35 da Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases) evidencia no parágrafo 8 que:

os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação processual e formativa serão organizados nas redes de ensino por meio de atividades teóricas e práticas, provas orais e escritas, seminários, projetos e atividades on-line, de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: I domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem (BRASIL,2013, p.28).

Dessa forma, os processos avaliativos não são compreendidos como algo mecânico e teórico como muito visto, deve ser caminhado junto à prática docente, desenvolvendo também conhecimentos tecnológicos, demonstrando a aprendizagem por meio de diversos aspectos.

Portanto, LIBÂNEO apud LUCKESI (p. 196, 1994), "a avaliação é uma aprendizagem qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho.

Tornando-se visível e claro que a aprendizagem pode ser continua sendo que, o trabalho de avaliar a aprendizagem não requer classificação, mas sim, qualificação, pois a escola tem como função primordial proporcionar aos seus alunos uma educação qualificada para que consigam relacionar-se em meio a sua sociedade.

Os aspectos qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, tornando a ação de rotular por meio de notas apenas como parte do processo, e não como um todo. A avaliação deve ser aplicada de forma reflexiva e investigativa, visto que é no contato diário com os alunos, que o docente identificará o conhecimento, e sempre poderá levá-los à interpretação de informação e ao desenvolvimento intelectual.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a avaliação é considerada como um método favorável para melhoria da qualidade da aprendizagem, não sendo aplicada como algo desfavorável ao aluno. É um preceito desenvolvido para se conectar ao objetivo proposto e se esse foi alcançado, como parte integrante e instrumento de autorregulação do processo de ensino e

aprendizagem. Este método não denomina apenas o aluno, também avalia o sistema escolar de determinada instituição, e a eficácia na didática do docente.

É abordado na LDB, sobre o bem-estar da criança, e nota-se também que a avaliação deve ser desenvolvida a partir de atividades conduzidas e aplicadas ao longo do tempo, contudo, não é uma única atividade avaliativa que determinará o conhecimento do aluno. Tendo muitas vezes a avaliação rotulada com sua média em provas, e não pelo real conhecimento, sem a análise contínua, dificultando a falta de expressividade, timidez e diversos aspectos que podem "bloquear" a criança e impor que esta demonstre algo de forma forçada e não prazerosa. Diante a concepção de avaliação na lei de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para formação de professores, observa-se que:

A avaliação é parte integrante do processo de formação, uma vez que possibilita diagnosticar lacunas a serem superadas, aferir os resultados alcançados considerando as competências a serem constituídas e identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias. (BRASIL, 2001, p.33).

Para que o caminho da aprendizagem seja o principal objetivo, a avaliação deve ser conduzida, modificando quando necessário os métodos aplicados, e não apenas a aplicação de provas e atividades que rotulem o conhecimento, mas sim, mostrar o que deve ou não ser alterado.

A BNCC e currículos apresenta que, entre os processos de envolvimento e participação das famílias e da comunidade, é citado junto a outros tópicos, que a avaliação formativa de processo ou de resultado, deve ser considerada pelas condições de aprendizagem do indivíduo, fazendo com que haja melhora no desempenho da escola, dos professores e dos alunos, ou seja, esse método deve ser proposto de forma adaptada ao ambiente, às circunstâncias da aprendizagem proposta, tendo a cobrança adaptada ao fornecido, sendo consciente. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar (BRASIL, 1997, p.53).

A partir deste contexto, é evidente que a avaliação não deve ser aplicada de forma oposta, fugindo das orientações e da didática do professor, mas sendo um recurso complementar na aprendizagem, e não um método que "desmotive" ou até

mesmo crie pânico no aluno. O mesmo deve se sentir confortável na realização da atividade avaliativa, já que teoricamente, tudo que ali for aplicado, foi apresentado.

Um dos intuitos apresentados por três diretrizes da Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) é que o estímulo à reflexão crítica e propositiva que deve subsidiar a formulação, execução e avaliação do projeto político-pedagógico da escola de Educação Básica. De modo que esta avaliação deve ser proposta de forma que o estudante que realize, possa ser crítico diante do resultado de sua atividade, assim sejam analisadas também o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a didática do educador.

3.2- Avaliação Escolar

Depois que falamos de aspectos da aprendizagem, podemos tratar da avaliação. Pode se colocar que os exames escolares, que usamos atualmente, foram sistematizados no século XVI e no XVII, em 1599, quando os jesuítas elaboraram um documento, chamado de "Ordenamento e Institucionalização dos Estudos na Sociedade de Jesus", mais conhecido como "Ratio Studiorum". Este documento administrava o modo de como seria aplicada as práticas pedagógicas das escolas jesuítas, e outras instituições, mostrando como os alunos deveriam ser examinados ao final do ano letivo. Desde então, esse método se faz presente até os dias atuais, onde o docente avalia o aluno, diante de provas que denominam o seu conhecimento.

Segundo Luckesi (1998), nesse documento estava normatizado que, no momento das provas, os estudantes não poderiam solicitar nada que necessitassem (nem aos seus colegas, nem ao profissional que toma conta da turma); não deveriam sentar-se em carteiras conjugadas (mas caso isso ocorresse, o professor deveria prestar muita atenção ao comportamento dos dois alunos, para que um não copiasse a resposta do outro); o tempo da prova era previamente estabelecido e não se permitia acréscimos. Pode-se notar, que as regras e o método articulado da avaliação continuam seguindo as mesmas regras, para que os alunos realizem o exame de forma que nada o auxilie e o conhecimento depositado naquela atividade venha apenas do seu cognitivo.

Destarte, o significado de avaliação de acordo com o dicionário Aurélio: avaliação tem como significado literal o ato de determinar o valor de algo, atribuída pela pessoa especializada em avaliar. É também encontrado no mesmo, que a

avaliação deve estimular e apreciar o ser avaliado, de maneira construtiva e objetivando o aprimoramento de tal coisa ou situação.

Vale-se ressaltar que há uma diferença fundamental entre avaliação e exame. Pois o exame é centrado na prova como único instrumento, onde é centrado nos dados quantitativos e cria uma situação de classificação de melhores e piores. Podendo assim criar um estigma de incapaz para aqueles que não conseguiram ficar entre os melhores. Já o processo de avaliação tem amplos instrumentos, considera a aprendizagem como um processo construtivo e visa promover, ao invés de excluir os aprendizes.

A primeira perspectiva caminha na direção da seletividade, classificação ou exclusão sendo a prova entendida como mecanismo de controle e punição. O professor, por vezes, usa o exame como meio de punir o aluno ou depositar muitas expectativas na validade do processo, a nota alta é sinal de êxito do ensino, a nota baixa é sinal de erro do ensino e muitas vezes é motivo de sentimento de culpa do docente. Mas não é bem assim, pois o fracasso do aluno não é responsabilidade somente do professor, muito menos somente do aluno.

Esse fator é gerado por um conjunto indissociável. Pois se faz necessário adquirir uma consciência dos limites e possibilidades do ato de avaliar é um passo decisivo para alcançar os objetivos de aprendizagem. Nesse contexto, cabe aqui apresentar o conceito formulado pelo professor Cipriano Carlos Luckesi em seu livro *Avaliação da Aprendizagem Escolar*:

O ato de examinar tem como função a classificação do educando minimamente em "aprovado ou reprovado"; no máximo, em uma escala mais ampla de graus, tais como as notas [...]. Ao ato de examinar não importa que todos os estudantes aprendam com qualidade, mas somente a demonstração e classificação dos que aprenderam e dos que não aprenderam [...]; o ato de avaliar tem como função investigar a qualidade do desempenho dos estudantes, tendo em vista proceder a uma intervenção para a melhoria dos resultados. (LUCKESI, 2011, p. 62).

De acordo com Kramer (2006), caracteriza a avaliação como valor ou aptidão do conhecimento apresentado, medindo e denominando para analisar se o mesmo foi adquirido. É um instrumento indispensável e muito valioso no sistema escolar, pois designa o conhecimento do indivíduo, podendo analisar as falhas no processo de ensino aprendizagem, para que se apropriem tanto o docente nos seus métodos

de ensinar, quanto o discente, por revelar o que já foi atingido e também as dificuldades ainda presentes.

Deste modo a avaliação seria aplicada de maneira estimulante e eficaz, a qual o professor buscaria conhecer o indivíduo, e a si mesmo, tendo em vista, o seu método de ensino, que pode levar à criança a aprendizagem, e ainda que seu método de ensino se torne significativo no processo de aprendizagem do aluno.

A avaliação escolar de modo geral é um procedimento natural e complexo, onde o professor deve-se estar sempre atento às expressões demonstradas pelos alunos, analisando suas facilidades e dificuldades, notando também se os recursos utilizados pelo mesmo estão sendo eficazes na aprendizagem, fazendo adaptações quando necessário. Vale ponderar que a mesma não vem sendo desenvolvida desta forma, mas tão somente com significação de provas e testes. De acordo com Libâneo:

Avaliação não se resume apenas a realização de provas e atribuição de notas, é muito mais complexo. Este método diagnóstica e ajuda o docente a ter um controle do nível de aprendizagem de cada indivíduo, sendo um instrumento de verificação do rendimento escolar, cumprindo assim, uma apreciação qualitativa e construtiva. (LIBÂNEO, 1994, p. 195):

Segundo neste cenário, a avaliação deve ser de forma contínua, e detalhista. Devendo o professor, verificar toda forma de apresentação de conhecimento do aluno, até mesmo através de uma conversa, participação no decorrer da aula, pelas atividades contínuas, não apenas em notas denominadas por provas, método que se caracteriza por cobrança e poderá provocar nervosismo em quem realiza.

Segundo Hoffmann (2005) salienta que a avaliação deve ser compreendida de forma complementar aos aspectos do ensino em sala de aula, sendo que o docente estude e interprete o processo cognitivo do aprendiz, o alcançando. Este processo deve-se estar atento ao "julgar" e o "comparar" que fazem parte do cotidiano, ainda mais em sala de aula, no qual o professor nota o desenvolvimento do indivíduo por meio de métodos avaliativos, pois a percepção a cada atividade necessita de uma atenção cautelosa, e raramente a mesma é efetuada para toda a turma, por referirmos a um grupo grande de indivíduos, cada um com seu jeito de demonstrar conhecimento. Segundo o pensamento de Vygotsky:

[...] um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento próximo; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a

criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança, (VYGOTSKY, 1991, p. 101).

Constata-se que a aprendizagem é despertada por fatores internos, que somente são operados quando o indivíduo tem contato direto com o ambiente, ou seja, a concretização deste conhecimento adquirido inicia-se com o "eu" e posteriormente, com o contato com o mundo. De modo que a avaliação deve ser feita em todo esse desenvolvimento, considerando todas as suas particularidades. Nérici diz que:

Avaliação é o processo de ajuizamento, apreciação, julgamento ou valorização do que o educando revelou ter aprendido durante um período de estudo ou de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Pode-se dizer, então, que não pode haver avaliação sem que antes tenha havido verificação. Verifica-se antes de avaliar. Uma prova, seja de que modalidade for, tem por objetivo fornecer dados sobre os quais se possa emitir um juízo de valor. (NÉRICI, 1992. p. 311)

Ao reunir os pensamentos de Nérici (1992) e Luckesi (1998), reconhece que a avaliação da aprendizagem escolar é uma benesse na vida de todos que estão comprometidos com atos e práticas educativas de alguma forma: pais, educadores, educandos, gestores das atividades educativas públicas e particulares, administradores da educação, assumindo o vínculo e o suporte necessário que cada um contribui.

Oliveira (2003) cita o método de avaliar como um instrumento imprescindível para a verificação do aprendizado do aluno, e também uma análise do trabalho do docente, podendo melhorar a abordagem pedagógica e buscar recursos mais adequados ao conteúdo desenvolvido levando sempre em consideração, o contexto sócio-político individual do aluno e de toda a turma.

Na avaliação educacional refere-se o sentido próprio da palavra, verifica-se a capacidade do conhecimento de um indivíduo a partir do que ele mostra ou do que é notado de forma implícita pela pessoa competente, no caso o docente, concluindo a partir do método utilizado, seja pelo o mesmo ou pela instituição. Sendo assim:

A avaliação da aprendizagem, no novo paradigma, é um processo mediador na construção do currículo e se encontra intimamente relacionada à gestão da aprendizagem dos alunos. Na avaliação da aprendizagem, o professor não deve permitir que os resultados das provas periódicas, geralmente de

caráter, sejam supervalorizados em detrimento de suas observações diárias, de caráter diagnóstico. (PERRENOUD, 1999, p.154):

Além das avaliações realizadas para definir o conhecimento adquirido dos alunos individualmente, também há avaliações institucionais classificatórias com os mesmos, na maioria das vezes realizadas anualmente, mas para verificar o ensino de uma rede educacional. Instituições como o SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), a ANA (Avaliação Nacional da Alfabetização), têm como objetivo avaliar a educação e equiparar o nível de aprendizagem de cada instituição por meio dos resultados emitidos pelos alunos diante das provas aplicadas. De acordo com PCN:

Indicadores fornecidos pela Secretaria de Desenvolvimento e Avaliação Educacional (Sediae), do Ministério da Educação e do Desporto, reafirmam a necessidade de revisão do projeto educacional do País, de modo a concentrar a atenção na qualidade do ensino e da aprendizagem (BRASIL, 1997, p.57).

Nos anos atuais a avaliação deixa de ser um recurso que contribui na aprendizagem e evoluem as metodologias do docente, passando a ser um ponto de intimidação, a qual os alunos temem e se amedrontam e muitas vezes não conseguem expressar o conhecimento solicitado, e acabam sendo rotulados pelo seu nervosismo, e não pelo seu real saber, levando ao desânimo.

De acordo com Both (2007) o método de avaliação, qualifica o ensino, pelo direcionamento nos acertos e nos erros, tanto para o professor quanto para o aluno, encaminhando a um processo comparativo que conduz a melhoria, porém o autor também analisa os limites ultrapassados por esse meio de verificação, deixando de lado o foco principal que é aprimorar o ensino. Dessa forma:

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes, não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam. (LUCKESI, 2000, p.17)

Assim podemos dizer que o método de avaliar, deve ser contínuo e acumulativo, dia a dia, e não uma nota mensal, bimestral ou semestral. Seu objetivo tem de ser inclusivo, prezando e transparecendo sempre a aprendizagem em si.

CAPÍTULO IV- A EDUCAÇÃO E A PANDEMIA (COVID-19).

4.1- O processo de ensino e aprendizagem

A pandemia causada pelo vírus chamado coronavírus (Covid-19) teve seus primeiros registros de caso no Brasil no início do ano de 2020, fazendo com que a população de todo país criasse novos hábitos. Esse vírus afetou o mundo todo, e fez com que toda população ficasse em isolamento social, para amenizar os impactos e diminuir a propagação do vírus, e com esse isolamento muitos setores foram prejudicados, principalmente a economia e educação.

O vírus (Covid-19) trouxe com ele um sinal de alerta acerca dos problemas da educação surgindo novos desafios perante o processo de ensino e aprendizagem, pois a desigualdade escolar passou a ocupar mais espaço nos debates, assim como as diferenças no que se refere ao acesso à Internet. O período de pandemia em curso criou uma sensação de desamparo por conta do medo, do desemprego e das mortes e adoecimentos. É um período atípico que exige da escola uma postura diferente.

Na área da Educação, tivemos mudanças drásticas como também o fechamento de escolas e de universidades e a adaptação das atividades presenciais para as de ensino remoto, em caráter emergencial, nas diversas etapas e modalidades de ensino. Criando desafios significativos aos educadores e gestores educacionais, tanto em termos de didática e de metodologia de ensino no contexto virtual quanto em relação ao currículo efetivamente ensinado, ao calendário escolar e à crescente desigualdade de acesso a conhecimentos importantes, descoberta pela pandemia.

A demanda de mediar o processo educativo por meio de ferramentas digitais e materiais que permitissem que os estudantes continuassem com algum tipo de atividade acadêmica em suas casas transformaram os tempos e os espaços em que ocorrem o ensino e a aprendizagem de forma inovadora e inédita no país.

Pois a educação não poderia parar em meio a pandemia da covid-19, então os líderes dos sistemas e organizações educacionais tiveram que reestruturar formas para manter a educação das crianças, jovens e adultos. Começaram assim as aulas remotas, por meio do uso das mídias tecnológicas, e a educação por meio

da tecnologia ganhou destaque em meio a pandemia, segundo Quintas Mendes a tecnologia pode:

Apresentar uma coloração socioemocional muito forte, em muitos aspectos não inferiores à comunicação face-a-face, sendo bastante favorável à criação de comunidades de aprendizagens com relações sociais fortes e desempenhos de tarefa comparáveis à comunicação presencial. (QUINTASMENDES *et al*, 2010, p. 258)

Professores as vezes de forma improvisada tiveram que adaptar todo o conteúdo para ministrar as aulas para no formato online, para assim continuar com as atividades educacionais durante o isolamento social. Infelizmente a sociedade não estava preparada para uma pandemia de tamanha proporção, apesar de todos os desafios, as aulas online foram essenciais e primordiais para se diminuir os prejuízos quanto à educação no período de isolamento, sendo possível perceber a importância das ferramentas tecnológicas para enfrentar as demandas emergenciais. Tendo assim várias mudanças significativas no contexto educacional, tivemos várias adaptações da realidade da sala de aula física para a sala de aula virtual, segundo Kenski (2004):

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso. (KENSKI, 2004, p. 67)

O ensino remoto proporcionou a utilização de aplicativos de vídeo conferências, redes sociais, entre outros, ferramentas estas que eram desconhecidas pela maioria das pessoas. Tendo o professor que se adaptar as novas formas para vencer os desafios e medos no uso dos recursos tecnológicos, os desafios são vários, dentre eles, podemos destacar que as ferramentas precisam ser de boa qualidade, para que funcionem de maneira correta e que sejam eficazes para o processo de ensino e aprendizagem, outro desafio que vale a pena ressaltar é a questão das desigualdades quanto ao uso das tecnologias, pois nem todos os alunos possuem um computador ou celular com acesso à internet, no entanto, o ensino remoto ainda é visto como a melhor saída para minimizar o atraso no retorno às aulas presenciais.

Nesse cenário a educação teve como foco os sujeitos com suas necessidades e limitações. Essa situação de calamidade pandêmica se deu a oportunidade para dar mais atenção à educação emocional dos alunos, já que a

escola tem se dedicado bem mais às habilidades lógica e linguística. Dar suporte emocional e acolher é vital, principalmente em tempos de pandemia. Vimos que as escolas se preocupam demais com os aspectos cognitivos e conteudistas, esquecendo-se de dar também atenção ao atendimento emocional dos alunos ou acolhimento.

Sobre esse assunto Cury (2018, p. 66) afirma: "Eduque a emoção com inteligência. E o que é educar a emoção? É estimular o aluno a pensar antes de reagir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor de sua história". Ele reconhece a importância dos aspectos cognitivos, mas entende que o ensino deve abarcar todas as dimensões do ser.

Os pais também tiveram um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, principalmente na fase da educação infantil que necessita de maior atenção, pois eles tiveram que elaborar uma rotina de estudos com os filhos, além de cuidar financeiramente (trabalho) e emocionalmente da sua família, tiveram que participar ativamente no processo educativo, algo muito incomum, pois muitos pais nem sequer foram alfabetizados, algo que se tornou ainda mais difícil este processo.

Acredita que a construção da parceria entre escola e família é função inicial dos professores, pois eles são elementos-chave no processo de aprendizagem. Dada a formação profissional específica que têm, as tentativas de aproximação e de melhoria das relações estabelecidas com as famílias devem partir, preferencialmente, da escola, pois "transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação" (CAETANO, 2004, p. 58).

Devemos destacar que muitos pais não são professores e por muitas vezes não passaram pelo processo de escolarização, por conta dessas questões acabaram também tendo dificuldade em orientar os filhos durante as aulas não presenciais. E com a falta de preparo para entender as especificidade e habilidades para cada ano da educação básica, e isso se potencializa na alfabetização das crianças, que estão envoltas no processo de alfabetização e letramento, no qual os recursos lúdicos são necessários, a oralidade e os conhecimentos específicos da alfabetização são importantes nesse processo de transição da educação infantil para a educação fundamental nos anos iniciais. Para Vygotsky:

O aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento e põe em movimento vários processos que, de outra forma, não

aconteceriam. Para o autor, o desenvolvimento do indivíduo está diretamente ligado à sua relação com o ambiente sociocultural e o papel social do outro é de fundamental importância, uma vez que o indivíduo aprende e se desenvolve a partir do convívio com os outros de sua espécie. (VYGOTSKY, 1991, p.101)

Sendo assim a relação dos pais com a escola se estreitou para que o processo de ensino acontecesse de uma maneira rápida e eficaz, havendo várias dificuldades nesse processo, pois em alguns casos houve escassez de recursos tecnológicos, por conta realidade da desigualdade social que temos em nosso país, muitas famílias carentes tiveram o auxílio de várias escolas proporcionaram materiais impressos a esses alunos.

De acordo com Magda Soares (2020, p.03): “ cresce ainda a responsabilidade do professor de não só orientar à distância, mas também orientar a família, para dar a ela condições que deem apoio à criança neste contexto excepcional que estamos vivendo”.

É importante enfatizar que o ensino se modernizou muito em pouco espaço de tempo. Abrindo-se um leque para novas formas de aprender e reaprender, descobrimos um mundo de muitas oportunidades nas mãos das crianças, jovens e adultos, os professores vivenciaram novas formas de ensinar e novas ferramentas de avaliação, e os alunos aprenderam que precisam de organização, dedicação e planejamento para ter bons resultados no mundo digital.

Afinal a população de todo mundo se encontrava no mesmo barco, tentando sobreviver, ensinar e aprender. A pandemia e o ensino remoto trouxeram experiências novas para muitos, ninguém sabe ao certo os efeitos na comunidade escolar depois da situação de calamidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo apresentar a importância do processo avaliativo e função da aprendizagem e como o professor pode construir por meio de planejamentos e organizações pedagógicas, métodos que favoreçam a construção desta aquisição e ao mesmo tempo motivar esse aluno, para que este propicie de uma aprendizagem significativa.

Tendo em vista a avaliação como processo educativo, não pode conduzi-la como processo de julgamento. Ela contribui para o conhecimento da realidade dos alunos, se há eficácia nos métodos oferecidos pelos professores, constituindo-se num processo permanente que dá suporte para o docente, por ser auto avaliativa e contribuir em seus planejamentos, e a busca por novos métodos, possibilitando que o educando tenha êxito em seu processo educacional.

Nesse sentido, os dados apresentados aqui são de grande importância para educação, pois demonstram aspectos que interferem no processo da construção aprendizagem dos alunos. E, portanto, demonstram que o processo de aprender deve ser prazeroso e motivador.

Levando sempre em consideração que a educação é um dever ou compromisso de todos. E a pandemia serviu para mostrar o modo como a escola está sujeita às variáveis sociais e sanitárias. A ação da comunidade deve extrapolar os muros da escola e ganhar espaço e visibilidade na sociedade.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Antonio, VIANA, Ingrid, MOZER, Jéssica, JORGE, Simone. **Motivação: Um estudo sobre fatores internos da organização que motivam os colaboradores.** XI Congresso nacional de excelência em gestão. ISSN 1984-9354. 2015. Disponível em:http://www.inovarse.org/sites/default/files/T_15_436_0.pdf
- BARIANI, Isabel Cristina; PAVANI, Renatha. **Sala de aula na universidade: espaço de relação interpessoais e participação acadêmica.** *Revista Estudos de Psicologia* / 25(1) / 67- 75/ janeiro - março / 2008.
- BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei nº 9.394, de 24 de dezembro de 1996.
- _____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO) - **BRASIL. Lei de diretrizes e bases da educação.** 2013.
- BRASIL (1997) **Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília/DF: MEC/SEF.
- _____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1940 - **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2003. - (coleção primeiros passos: 20).
- BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia dos professores.** In: F. F. Sisto, G. de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). *Leituras de psicologia para formação de professores.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- BZUNECK, J. A. **A motivação do aluno: aspectos introdutórios.** In: E. Boruchovitch e J. A. Bzuneck. (Orgs.). *A Motivação do Aluno. Contribuições da Psicologia Contemporânea.*(p.9-36). Petrópolis, RJ: Editora Vozes. 4ª edição, 2009.

CAETANO, Luciana Maria. YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **Relação escola e família: diálogos interdisciplinares para a formação da criança**. São Paulo: Paulinas 2014.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

_____. **20 regras de ouro para educar filhos e alunos**. São Paulo: Planeta, 2017.

DURKHEIM, Émile. **A Evolução Pedagógica**, 325 págs., Ed. Artmed.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: 2ª ed. Editora São Paulo: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.83

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**.6 ed. São Paulo: Cortez,2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**.6 ed. São Paulo: Cortez,2010.

GOMES, A. M. A. et al. **Os saberes e o fazer pedagógico: uma integração entre teoria e prática**. Educar, Curitiba, n. 28, p. 231-246, 2006. Editora UFPR.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação,1996.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora: Uma relação dialógica na construção do conhecimento**. Ideias, v. 22: p. 51-59.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6ª ed.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?** Série Ideias, n. 8, São Paulo: FDE, 1998.

MAINART, D. A.; SANTOS, C. M. **A importância da tecnologia no processo ensino aprendizagem**. In: CONGRESSO VIRTUAL BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO, 7, 2010.

MELLO, Guiomar Namó. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Ed. Cortez, 1985.

MIRANDA, Magna. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia?**. 2020. Disponível em :<https://www.futura.org.br/-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemias> Acesso em 20 de Julho de 2022.

MORAES, Carolina Roberta; VARELA, Simone. **Motivação do Aluno Durante o Processo de Ensino-Aprendizagem**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, No. 01, ago. / dez. 2007.

MORAN. **A contribuição das tecnologias para uma educação inovadora**. Contrapontos - volume 4 - n. 2 - p. 347-358 - Itajaí, maio/ago. 2004. Disponível em: <<https://iaiap32.univali.br/seer/index.php/rcarticleview785642>> Acesso em: 12 jul. 2022.

MORIN, Edgar, 1921 - **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Elenora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgar de Assis Carvalho. 8.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Didática: uma introdução**. São Paulo: Atlas, 1993.

PERRENOUD, Ph. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação : perspectivas sociológicas**. Lisboa : Dom Quixote, 1993.

QUINTAS MENDES- Antônio et al. **Comunicação mediatizada por computador e educação on-line: da distância à proximidade**. In: SILVA, Marco et al (orgs.).

Educação on-line: cenário, formação e questões didático metodológicos. Rio de Janeiro: Walk, 2010.

SILVA, Janssen Felipe da. **Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora**. In: SILVA, Janssen Felipe da.; HOFFMANN, Jussara; ESTEBAN, Maria Tereza (Org.). *Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo*. 3 Ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SILVA, Janssen Felipe da. Avaliar... **O quê? Quem? Como? Quando?** In: Revista TV Escola, Brasília, MEC, outubro/novembro, 2002.

SILVA, M. **Sala de aula interativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

SOUZA, Robson P. MOITA, Filomena da M. C. S. C. CARVALHO, Ana Beatriz G. **Tecnologias Digitais na Educação**. (Organizadores). Campina Grande: EDUEPB, 2011. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6pdyn>> Acesso em: 08 jul. 2017.

VALENTE. **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância, 2005

VARELA, Julia. **O estatuto do saber pedagógico**. Apud: SILVA. Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 88.

VIEIRA, A.; ALMEIDA, M.E.; ALONSO, M. **Gestão educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

VIGOTSKY, Lev. Semiovich e outros. **Pensamentos e linguagem**. São Paulo. Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.